



“Dona Flor”, uma benzedeira na Comunidade Santa Terezinha do Aninga: a atuação de uma agente folkcomunicacional¹

Alessandra Pereira ANSELMO²

Enna Mara Oliveira PINHEIRO³

Adelson da Costa FERNANDO⁴

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

Resumo

O distanciamento da cidade faz com que seja visível a figura de curadores, benzedores, benzedeiros e demais figuras que reportam a cura. O aparecimento dessas figuras tradicionais normalmente é justificado pela ausência de serviços médicos básicos nestas comunidades, além disso tais práticas remontam a história dos povos amazônicos. Neste estudo, nossa abordagem focará a benzedeira como um agente folkcomunicador, articulando-se, assim, com a teoria de Luiz Beltrão. “Dona Flor” foi a nossa interlocutora (nome fictício dado no sentido de preservar o nome da benzedeira). Para tanto, utilizou-se na pesquisa a abordagem qualitativa, para desvelar de que forma a reza, como um dispositivo popular de comunicação, influencia no restabelecimento da saúde/cura dos moradores da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, em Parintins, visto que estes aspectos se constituem como um aprendizado coletivo, compartilhado e folkcomunicador. Assim, esta pesquisa contribui para o estudo sobre práticas de cura e saberes tradicionais na Amazônia, tendo em vista a carência expressiva de pesquisas em relação a estes processos referidos.

Palavras-chave: Folkcomunicação religiosa; agente folk; Benzeção; Reza; Saúde/cura

¹ Trabalho apresentado no GT 03 Folkcomunicação, Cultura popular e Desenvolvimento regional do I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia.

² Graduanda do Curso de Serviço Social – ICSEZ/UFAM; Graduanda no Curso de Enfermagem – UNOPAR (e-mail: alessandraanselmo23@gmail.com).

³ Graduanda do Curso de Serviço Social – ICSEZ/UFAM (e-mail: mara.eriton@gmail.com).

⁴ Sociólogo. Doutor em Sociologia da Religião PUC GO, Professor ICSEZ/UFAM e Diretor Regional Norte da Rede Folkcom (e-mail: acostaf@ufam.edu.br).



INTRODUÇÃO

A reza faz parte do processo das práticas de cura do cotidiano dos povos das áreas rurais do Baixo Amazonas; a reza constitui, veicula e socializa saberes que tem a ver com a cultura, com as formas organizativas e as práticas da comunidade em que ela está integrada; tais heranças são repassadas nos rituais de benzeções nas comunidades tradicionais de Parintins.

O ambiente rural amazônida contém diversas paisagens naturais, terra fértil para plantações e um grande potencial para criação de animais e pesca; possui diversas comunidades tradicionais e ribeirinhas que se localizam no entorno das vilas, e nas beiras dos rios. O ritmo de vida singular das comunidades rurais revela uma outra dinâmica de vida diferente da área urbana. O distanciamento da cidade faz com que seja visível a figura de curadores, benzedeadas, benzedores e demais figuras que reportam a cura. O aparecimento dessas figuras tradicionais normalmente é justificado pela ausência de serviços médicos básicos nestas comunidades, além disso tais práticas remontam a história dos povos amazônicos.

Neste estudo, a benzedeadora será analisada como um agente folkcomunicação, imanente ao modo de vida do povo do Baixo Amazonas. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, partiu de uma entrevista semi-estruturada com uma benzedeadora, a fim de desvelar de que forma se dá os fluxos folkcomunicacionais e as influências no restabelecimento da saúde/cura dos moradores da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, em Parintins.

Visto que estes aspectos se constituem como um aprendizado coletivo, compartilhado e folkcomunicação, formados por um conjunto de implicações básicas que um grupo inventou, descobriu e desenvolveu, ao aprender a lidar com os problemas da adaptação e que funcionam bem o suficiente para serem considerados válidos e ensinados a novos membros como a forma correta de perceber, pensar e sentir com relação a diversas questões.



Assim, este estudo se reveste de relevância social e acadêmico-científica, uma vez que será possível entender as múltiplas formas de manifestações culturais da área rural de Parintins contribuindo para o estudo sobre práticas de cura e saberes tradicionais na Amazônia, tendo em vista a carência expressiva de pesquisas em relação a estes processos referidos.

1. Entendendo os fluxos folkcomunicacionais

A Folkcomunicação é uma teoria brasileira que tem como precursor Luiz Beltrão, nascida no berço da Comunicação Social. Tal teoria visa compreender as diversidades através da simbologia das manifestações da cultura popular.

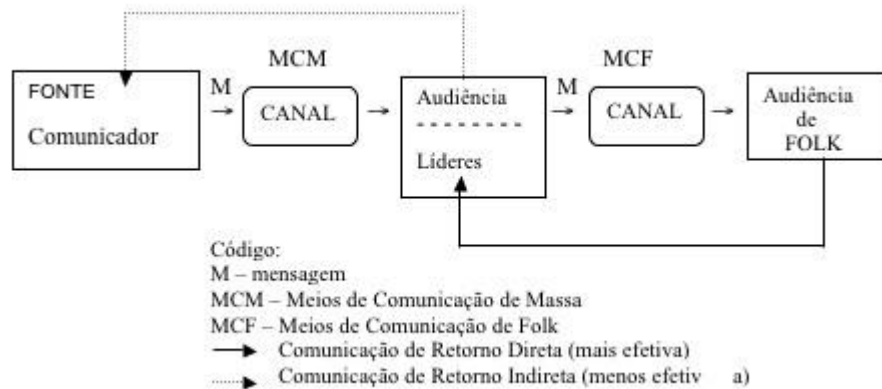
O precursor da teoria, depois de uma vasta experiência na função de jornalista e professor universitário, apresentou sua tese de doutoramento na Universidade de Brasília – UNB, em 1967. O trabalho do pesquisador foi considerado subversivo, ficando a obra proibida de ser publicada por inteiro. Alguns pontos da tese estão reunidos no livro *Comunicação e Folclore* (1971); vale destacar que nessa publicação houve a supressão dos fundamentos teóricos utilizados por Beltrão que foram fundamentais para nortear a teoria (SANTANA; MAIA, 2017).

Nesse sentido, Beltrão vai definir a Folkcomunicação como o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Como nos explica Rocha,

o processo da Folkcomunicação inicia-se como a maioria dos modelos de comunicação - Emissor/Comunicador, depois o Canal/Mensagem/Meios de Comunicação de Massa e finaliza com o Receptor/Audiência/Líderes. No fim da primeira etapa da comunicação, aparece pela primeira vez o papel do líder de opinião, um agente responsável pela decodificação das mensagens que serão transmitidas para a audiência folk. Estes agentes utilizam-se de canais

alternativos ou o chamado "boca a boca" para transmitir o que é de interesse deste público (2016, p. 6).



Fonte: BELTRÃO, Luiz (1980)

Beltrão nos apresenta uma dicotomia e diz que a elite é organizada, tem acesso aos meios de comunicação de massa, seja na categoria de proprietário, patrocinador ou colaborador. Ao contrário, os grupos não-organizados, correspondem a massa urbana ou rural, de baixa renda que é excluída, “analfabeta e marginalizada” (BELTRÃO, 1980, p. 2).

Assim, para entender as mensagens que circulam nos meios de comunicação é necessária a escolarização. O povo por não ter acesso aos diversos instrumentos político-sociais não compreende as mensagens contidas nos meios. A fim de manter viva a memória dos grupos, o povo desenvolve canais alternativos para propagar ideias, ideologias e informação. Segundo Beltrão (2014, p.66) “o povo, por meio dos “catimbós” manifestam os costumes, hábitos, conhecimento e suas opiniões”. Catimbó consiste em um culto de feitiçaria que combina magia branca europeia com elementos negros, ameríndios e católicos; é chefiado por um mestre que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, seja para o bem, seja para o mal (DICIONÁRIO AURÉLIO – on line).

Partindo dessa compreensão, Beltrão (2004) destaca que a Folkcomunicação precisa ser compreendida como processo de comunicação das classes populares, para então ter o entendimento das manifestações folclóricas como a linguagem do povo, a



expressão de seu pensar e do seu sentir tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar das classes dominantes.

Nesta direção, Beltrão (2014), ao teorizar a Folkcomunicação, em seu conceito faz referência ao agente, a audiência e ao ambiente folkcomunicacionais. O agente folkcomunicador é aquele que carrega consigo certo prestígio por conta da fácil decodificação das mensagens que são transmitidas aos demais presentes naquela comunidade, a partir de sua própria interpretação. Assim, o líder ou agente comunicador de folk é um tradutor dos grupos marginalizados, pois sabem encontrar palavras e argumentos acessíveis e que sensibilizam os seus seguidores.

Audiência é a comunidade que acredita nos mesmos princípios, das mesmas interpretações e manifestações aos deuses, criando símbolos e formas de reverenciar ao sagrado. Este grupo, a audiência, é formado “por pessoas da zona rural e urbana, com reduzido poder aquisitivo, e que adotam uma filosofia ou política contrária à ordem social vigente” (BELTRÃO JÚNIOR; NEVES apud BELTRÃO, 2014, p. 114).

E o ambiente folkcomunicador é o espaço privado onde ocorre a manifestação da cultura em meio à comunidade que exerce tal celebração, sejam elas a um santo ou não. É o lugar institucionalizado onde tudo faz sentido para as pessoas que desfrutam da mesma crença e se sociabilizam, correspondendo o comando do agente folkcomunicador (MODESTO; SILVA, 2019).

E a partir da compreensão de Beltrão e suas divisões, Gadini; Witowicz (2007) vão enfatizar que a folkcomunicação apresenta-se a partir do uso dos meios “não formais” de comunicação, apoiado em manifestações ou processos folclóricos compreendidos como canais de comunicação. E utiliza-se a folkcomunicação para se formar, trocar ideias e autoeducar.

No entanto, para os referidos autores, a folkcomunicação estuda também as cadeias comunicacionais e informativas que estão à margem dos circuitos tradicionais, formais. Essas mensagens, advindas das manifestações folkcomunicacionais, nascem em níveis locais e regionais; portanto, mapeá-los, registrá-los e analisá-los é confrontar - se também com os conceitos do local e do regional.



Melo (2008) ressalta a importância da proposta de Beltrão que é focar nos processos de comunicação das massas, uma vez que as expressões populares são tão carregadas de significados e códigos quanto aos processos utilizados pelos meios de comunicação de massa. A folkcomunicação é sobretudo, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 2014).

Assim, a Folkcomunicação mostra-se presente nas mais diversas manifestações religiosas e de culturas populares espalhadas mundo afora. Cada ambiente propaga uma manifestação, seja de adoração ao sagrado ou não. Assim, dentro destas expressões, há um líder decodificador das mensagens ao nível de intelectualidade da comunidade em questão, a audiência.

Todo este processo nos permite um entendimento diante do estudo aprofundado nesta área em questão, para, assim, compreendermos que toda manifestação não se dá de maneira aleatória. Permeado nesse contexto, será abordado neste trabalho a benzedeira como agente folkcomunicativo, baseado na concepção de Beltrão já supracitada.

2. A benzedeira “Dona Flor”, uma agente folkcomunicacional

A autodenominação benzedor ou benzedeira restringe-se a um agente folk que tem o dom de cura. Geralmente estão ligados à uma religião a qual manifestam sua fé; em sua maioria, esses agentes se auto definem como católicos, sobretudo em comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas, como, por exemplo na comunidade do Aninga, lócus dessa pesquisa.

Estes agentes acabam sendo conhecedores de uma ou de diversas rezas que foram reproduzidas e repassadas ao longo da vida por seus antecessores, no sentido de intervir no processo de benzeções, com o objetivo de alcançar a cura para as pessoas necessitadas,



e estes ressaltam que o dom advém de Deus e são escolhidos com uma missão de ajudar a massa popular.

Nessa direção, Dona Flor, benzedeira da comunidade Santa Terezinha do Aninga, abordada aqui como agente folkcomunicação, relata a sua importância para a comunidade, na medida em que a mesma consegue ter influência sobre a audiência a partir dos seus conhecimentos sobre as ervas e as rezas que curam, através da manifestação da fé. Toda benzedeira acredita ser possuidora do dom da cura advindo de Deus:

Desde os meus 13 anos eu tenho o dom da cura, eu comecei a “puxar” meus parentes e depois meu pai ao descobrir meu dom, quando chegava um conhecido pedia para eu ajudar. Muitos me procuram para benzer, tirar quebranto, “puxar”, não importa a hora e o dia, a comunidade toda me conhece e eu ajudo porque foi a missão que Deus me deu. (DONA FLOR, 63 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).

Ou seja, toda benzedeira tem uma relação horizontal com a comunidade da qual faz parte; tal influência que esta agente folkcomunicação exerce sobre a audiência só é possível devido ao entendimento das mensagens destinadas a estes grupos, uma vez que a benzedeira como agente, consegue repassar a comunicação através da reza, de uma forma acessível à população atendida. Neste caso, o grupo tem inteligibilidade diante das mensagens veiculadas por conta da dinâmica do líder de opinião da agente folk que consegue ter o poder de simbolicamente transitar pela região. Como enfatiza Beltrão, tal agente não exerce nenhum papel de autoridade na sociedade, mas exerce influência a partir do momento que a massa popular o reconhece como líder. É desde modo que pudemos afirmar que

o comunicador *folk* tem a personalidade dos líderes de opinião identificada nos seus colegas do sistema de comunicação social (...) os líderes-agente comunicadores de *folk*, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo (...) admiradores e seguidores (BELTRÃO, 1980, p. 35 *apud* BELTRÃO JÚNIOR, 2013, p. 32).



Todo líder folk é dotado de um carisma através do qual se liga com a comunidade, uma vez que é esse carisma que atrai a comunidade para ele. É o carisma que dá credibilidade ao agente folk tendo em vista que é nele que está circunscrito a sua missão no mundo. Em outras palavras, “a ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível de entendimento de sua audiência” (BELTRÃO, 1980, p. 36).

Os próprios moradores da região reconhecem o quanto a agente Dona Flor contribui para a comunidade, uma vez que esta utiliza de práticas não biomédicas no processo de cura. Nisto, fica evidente essa relação de proximidade com a audiência, na medida em que os benzedeiros e as benzedeiros são procurados para “pôr ossos torcidos no lugar”, “curar quebrantos”, “maus olhados”, “rasgaduras” e demais ações que os permitem ter uma relação direta com a audiência. E esses processos são realizados somente através das rezas e ervas que comunicam a cura.

As pessoas nesse sentido acabam recorrendo a agente Dona Flor, não pela falta de distanciamento do meio urbano ou a logística de transporte, mas pela questão cultural. Os benzedeiros e as benzedeiros constituem uma influência na região e na comunidade na medida que antes de procurar alguma assistência em saúde, a procura por eles é indispensável.

Eles sabem que tem o médico, mas mesmo assim eles me procuram. Vão no médico e na passada de volta param aqui comigo. Se não vem antes, sempre vem depois. No meu quintal eu tenho plantas para tudo quanto é doença, e as minhas plantas curam, não é como o remédio que o médico passa apenas para controlar e não para curar. As ervas naturais fazem mais efeitos que os próprios remédios. Eu tenho erva para curar câncer, como a oculba, sucuba; arueira para infecção urinária; chá de folhas de tangerina, virataia e preciosa para anemia (DONA FLOR, 63 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).



Os agentes comunitários de saúde estão presentes na comunidade, mas não são procurados pelos moradores, pois se tratando de uma questão cultural, acabam cobrando que esses profissionais tenham conhecimentos das ervas, como no caso de Dona Flor.

Nesta compreensão, Scheweicckardt (2002, p. 237-238) argumenta que as pessoas não conseguem enxergar a contradição entre ir a um médico ou ir em busca de um benzedor, uma vez que todos ajudam no momento da dor e do sofrimento em que as pessoas perpassam. Logo, a crença é de que as doenças não estão ligadas apenas às causas naturais, mas também nas sobrenaturais; assim, é preciso usar todos os recursos para recolocar as coisas no seu devido lugar.

Dona Flor, como agente folkcomunicadora, possui os argumentos precisos para cada tipo de situação; um exemplo disso, é quando utiliza diferentes rezas para cada receptor, se alguém chega com “mau olhado” a mesma utiliza uma reza para expulsar o “mau olhado”, bem como em outras manifestações de doenças que chegam a essa agente. A mensagem que é enviada ao receptor é compreendida a partir do objetivo que ele quer alcançar que é a cura.

Eu faço as minhas rezas para as pessoas que chegam e acreditam que podem ser curadas. Quem não alcança a cura é porque não teve fé o suficiente para ser curado. Eu sempre rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria, um Creio em Deus Pai e depois faço a reza de cura, expulsando se for uma dor de barriga, se for um quebranto, “mau olhado”. Também faço garrafa, mas não é a mesma garrafada para a mesma pessoa, muitos fazem assim, mas cada pessoa é diferente. Eu também sempre passo o chá das ervas para tomar, as vezes eu dou as que tenho no meu quintal (DONA FLOR, 63 anos, entrevista concedida no dia 09.10. 2019).

Como observado nos relatos, a benzedeira Dona Flor sabe como comunicar-se com sua audiência, usando especificamente um código para cada pessoa que à procura; quando ela ressalta que acrescenta em sua reza a expulsão para cada doença (como “quebranto”, “mau olhado”), a audiência logo reconhece que aquele caso específico é o seu. Pois, a benzedeira Dona Flor, a partir do que argumenta Beltrão (2004, p. 82), “é um tradutor que não somente sabe encontrar as palavras como argumentos que sensibilizam



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



as formas pré-lógicas que caracterizam o pensamento, como também ditam a conduta desses grupos. ”

Tendo em vista que a benzedeira Dona Flor é uma agente de folk, pode-se afirmar que ela faz parte de grupos assim denominados de culturalmente marginalizados. A audiência da benzedeira Dona Flor, neste caso, compõe um grupo que tem fé, onde os membros participantes seguem um líder carismático, que realiza eventos coletivos com fins religiosos, cujas ideias religiosas representam valores, interpretações das crenças religiosas estabelecidas e vigentes no universo da comunicação social (BELTRÃO, 1980).

Portanto, todo agente folk comunicador compartilha das mesmas condições sociais dos grupos marginalizados e exerce influência horizontal sobre eles. Como mediador que é possui prestígio por causa da capacidade em lidar com as informações que circulam nos meios e a habilidade de reinterpretação das mensagens. Líderes comunitários, cantores, cantadores repentistas, líderes religiosos, artesãos, cantadores de viola, caixeiros-viajantes, benzedeiros, benzedoras, curandeiros e curandeiras são algumas figuras representativas que influenciam e atuam na opinião das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar a benzedeira Dona Flor, como uma agente folk comunicacional, da Comunidade Santa Terezinha do Aninga, bem como o processo pelo qual ela se torna indispensável no fenômeno da cura no âmbito da referida Comunidade, uma vez que a linguagem utilizada pela mesma é acessível e a audiência caracterizada como a população, consegue compreender de forma facilitada a informação. Assim, no decorrer da pesquisa foi possível perceber como a benzedeira Dona Flor relaciona-se com a comunidade, e a forma como a dimensão cultural é indissociável no processo de cura.

Na pesquisa de campo, constatou-se que a postura da benzedeira, como agente de folk, é de autoridade ao exercer sua função na comunidade, não uma autoridade exercida



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



como um papel imposta pela sociedade, mas uma autoridade religiosa reafirmada por aqueles que acreditam na cura, pela manifestação da fé através das benzeções.

Diante disso, a análise folkcomunicacional da benzedeira Dona Flor é extremamente relevante para conhecermos essas práticas de cura, tão comum na Amazônia, e desconstruir os preconceitos que se tem com as manifestações culturais da região amazônica. Logo, a benzeção na Comunidade do Aninga, sob a perspectiva da folkcomunicação, mostrou-se um objeto de estudo muito rico e extenso, e abre possibilidades para novas pesquisas no campo da temática para contribuir com a produção acadêmica científica.



Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luís. Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCCRS, 2002.

_____. Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

BONITO, Marco; CORNIANI, Fabio. Folkcomunicação e Orkut: os culturalmente marginalizados. Intercom (XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação): Recife, 2016.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1954.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição imaginária da Sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro: teoria e prática/ Doc Comparato. – 2. ed. – São Paulo: Summus, 2009.

MELO, José Marques de. Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. “A canoa da cura ninguém rema só”: o se ingerar e os processos de adoecer e curar em Parintins (Am), Manaus, 2017.

CORNIANI, Fabio. Afinal, o que é Folkcomunicação? São Bernardo do Campo (SP): Sítio da Universidade Metodista de São Paulo. Evento da mídia Cidadão. Disponível em: <www.metodista.br/midiacidada>. Acesso em: 25 de outubro de 2020.

GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICZ, Karina Janz. Noções básicas de folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

MODESTO, Fábio Gonçalves; SILVA, Onan Ferreira da. Sob a bênção da Virgem do Carmo: o ex-voto na perspectiva folkcomunicacional. TCC (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Amazonas, Parintins - Am. 2019.



**I Simpósio de Comunicação, Cultura e Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 22 a 26 de novembro de 2021**



ROCHA, Letícia Monteiro. Folkcomunicação: a cultura popular na cibercultura. 7º Congresso Internacional de Ciberjornalismo, 2016.

SCHEWEICCKARDT, Júlio Cesar. Magia e religião na modernidade: os rezadores em Manaus. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa: UFPB, 2008.